

## APRESENTAÇÃO

### Interdisciplinaridade: ICH e(m) conexão com a realidade contemporânea

Ev'Angela Batista Rodrigues de Barros<sup>1</sup>

Trazemos a público, com grande alegria, mais um número da **Revista do Instituto de Ciências Humanas** da PUC Minas e, ao fazê-lo, uma grande inquietação incita-nos à reflexão sobre a relevância e as especificidades das Ciências Humanas, todo o percurso trilhado em especial ao longo dos séculos XIX e XX, os inúmeros empecilhos para se consolidarem, evidenciando todo o aporte epistemológico e metodológico que validam os seus construtos. Em tempos de valoração dos saberes produzidos nas diferentes áreas de conhecimento humano, em grande medida baseada apenas na busca de resultados financeiros, na mercantilização da pesquisa e seus resultados, é preciso reiterar o muito que se vem produzindo nas Ciências Humanas e Sociais, sem ceder à tendência de hierarquização de saberes, processo de ranqueamento que prioriza as Ciências Exatas e da Natureza, os saberes estatísticos e de cunho mais pragmático, em detrimento dos demais. Cumpre destacar que, na contemporaneidade, todas as ciências têm se mostrado igualmente importantes, posto que cada uma descortina distintas nuances dos fenômenos – físicos, químicos, sociais, *etc.* –, a partir de diferentes aproximações e abordagens.

Sobre a constituição das Ciências Humanas, vemos que, para Chizzotti (2016),

As ciências humanas compõem, hoje, um conjunto de disciplinas, que foram construídas no século XX e se expandem, neste século. Um marco dessa evolução histórica pode ser reportado às controvérsias, no limiar do século passado, tanto sobre os fundamentos epistemológicos e metodológicos da ciência, quanto sobre as opções ideológicas e políticas, que deram a configuração atual das ciências humanas e alcançaram o estatuto científico no universo acadêmico, como disciplinas relativamente autônomas, tais como a filosofia, a história, a sociologia, a educação e a antropologia. (CHIZZOTTI, 2016, p. 1559).

<sup>1</sup> Professora Adjunta IV da PUC Minas / Departamento de Letras. Editora da Revista do ICH e de Conecte-se! Revista Interdisciplinar de Extensão, ambas da PUC Minas. Coordenadora Institucional do PIBID PUC Minas.

Nesse contexto, a **Revista do Instituto de Ciências Humanas** se constitui em importante veículo para mostrar a interlocução entre tais disciplinas, mas com o firme propósito de que seja efetivamente um diálogo, não uma sobreposição de temas / textos confinados em suas respectivas óticas e áreas. Para tanto, focamos num eixo organizador fundante, que nos permite abarcar, num mesmo volume, temáticas díspares e igualmente instigantes, constitutivas do processo cognitivo e metacognitivo que constitui o cerne do ato de ser e saber-se humano.

Para conferir organicidade a uma aparente miscelânea, um eixo que sempre transversalizou a organização de cada volume reside na apreensão da interdisciplinaridade, postura de inteligibilidade do real que vê o todo sem desconectar-se das partes, vê as partes nas suas idiossincrasias, sem descurar do global. Essa postura de percepção das interconexões das partes e do todo nos inscreve num determinado contexto sócio histórico e político, reforça nossa consciência da incompletude e permite ampliar o olhar se refletimos sobre a condição humana diante do ato de aprendizagem / apreensão do real:

o homem é uma parte do todo, a qual tem infinitas relações com as outras, de modo que a compreensão da parte implica conhecer o todo em que se insere. Na dura visão de Pascal, o homem é profundamente infeliz pois só um bem infinito, e portanto inabarcável, poderia satisfazer seus anseios. De um lado, se a imaginação disfarça esta necessidade de infinitude, o homem perde-se inutilmente nos bens materiais, sofrendo contínuas decepções. De outro, se compreende esta necessidade (através da humilhação que sente ao ser superado), percebe sua incapacidade de sequer imaginar o infinito. “Por mais que ampliemos as nossas concepções e as projetemos além dos espaços imagináveis, concebemos tão somente átomos em comparação com a realidade das coisas. Esta é uma esfera infinita cujo centro se encontra em toda parte e cuja circunferência não se acha em nenhuma.” (OLIVA, s/d., s/p.).

O recurso a Pascal tem função de nos remeter à condição de que a essência do todo se encontra em cada uma das partes e vice-versa. De forma análoga, podemos pensar que cada sujeito em formação traz em si essa dupla dimensão, do olhar para dentro de si e para fora de si; cada instituição, em decorrência, transita nessa complexa situação de tensão entre forças que a puxam para dentro de si e outras que a remetem a buscar no exterior a (res)significação de seu fazer.

No contexto atual, de grande interpelação à Universidade como instância formadora – para o mercado de trabalho e para a inserção num determinado modelo de cidadania –, a finalidade dessa instituição se vê contingenciada, premida pelas

demandas criadas pela dinamicidade da realidade numa sociedade ocidental, capitalista e em rápido processo de globalização.

Assim, os vínculos com a sociedade do entorno, a busca de uma ressignificação do fazer acadêmico, mais voltado para a superação da dicotomia braçal / intelectual como extremos de uma escala de valores, nos faz pensar na inter-relação entre os saberes como forma viável para a superação das limitações a que cada uma das ciências, com suas especificidades epistemológicas e metodológicas, inexoravelmente apresenta.

Vista nesse contexto, a interdisciplinaridade se nos apresenta como elemento de superação das fragilidades de cada área, por meio do diálogo entre os vários campos de saberes e fazeres humanos, de conhecimentos e procedimentos, rumo a uma formação acadêmica mais integrada e integradora. Não é á toa, portanto, que grandes humanistas como Edgar Morin (2011) e Boaventura Sousa Santos (2008), tenham discutido de forma magistral o cenário contemporâneo e algumas possíveis alternativas para ressignificação da Educação, da Escola, da própria existência humana.

Numa sociedade altamente tecnologizada e denominada "sociedade do conhecimento", na ambiência escolar (nos seus variados níveis), urge investir na formação de sujeitos ativos e, portanto, responsivos às indagações de seu contexto sociopolítico e histórico, conscientes das múltiplas interdependências da realidade. Nas palavras de Morin, trata-se de pensar a formação sob a égide de um movimento dialético de fragmentação e, paralelamente, de integração, dada a complexidade desses vínculos sociais (tomando-se aqui "complexo" em seu sentido etimológico, de "tecido junto", como uma formação reticular, que joga por terra a ideia de saberes estanques).

A percepção dos saberes humanos como frutos das inter-relações humano / humano, humano / natureza e humano / máquina (dada a grande inserção das tecnologias de informação e comunicação – TIC – no cotidiano das pessoas comuns, sobretudo das crianças e jovens), nas diversas disciplinas – História, Língua(gem), Matemática, Geografia, Pedagogia, bem como das ciências parceiras – Filosofia e Sociologia –, nos alerta para o fato de que universalismos e particularismos (co)existem, e a aceitação da diversidade precisa ser a tônica da condução de nossas relações, atualmente.

Nesse sentido, Polon e Polon (2017) afirmam que

As Humanidades podem ser consideradas como um domínio comum relativo às Ciências Humanas, muito embora compreendam um conjunto de conhecimentos destinados à Educação dos sujeitos variando em

conformidade com o contexto histórico e social, ainda que possa ocorrer uma diferença conceitual entre o sentido de humanidade e de Ciências Humanas. As Ciências Humanas, como sistemas de conhecimento científico, são uma criação da própria modernidade e, deste modo, estabelecidas com métodos próprios à sua natureza. Nisso, as Ciências Humanas e as Humanidades diferenciam-se, pois “as Humanidades permitem, entre outros desdobramentos, construir práticas pedagógicas de natureza interdisciplinar para as Ciências Humanas” (BRASIL, 2013, p. 09). As Humanidades são, portanto, uma tentativa de construção do conhecimento complexo, promovendo o diálogo entre as disciplinas na formação do sujeito e a Ciências Humanas como um conjunto de conhecimentos com objetos relativos a “natureza” humana. (POLON; POLON, 2017, p. 186).

Os autores aportam, para respaldar a sua afirmação, o que consta dos diplomas legais, as diretrizes que regem as relações nas instituições escolares e na universidade, como instância formadora de formadores, ou seja, mostram-nos que a realidade e a legislação sobre a realidade são mutuamente instituídas e instituintes, posto que há uma regulamentação e uma “acomodação ativa” dos sujeitos a ela, de modo que cada espaço e grupo de sujeitos a exercitam de formas particularizadas – é a materialização da unidade na diversidade.

Assim, vemos contemporaneamente abordagens se aproximarem, em pesquisas quali-quantitativas, em pesquisas participativas, de cunho etnográfico, para além das pesquisas exploratórias bibliográficas e documentais. Essa evolução deixa entrever que abordagens analíticas subjetivistas, diante da demandada “objetividade científica”, característica das metodologias fundantes das ciências exatas e da natureza, precisam revestir-se de instrumentos, fazeres e saberes específicos que confirmem legitimidade às pesquisas e seus resultados. Também suscita, em diferentes áreas, como a Linguística e a Antropologia, o enfrentamento do “paradoxo do observador”, posto que, nesses âmbitos de investigação, o pesquisador / cientista é um sujeito que precisa aproximar-se o bastante do fenômeno para conseguir divisá-lo e, paralelamente, precisa afastar-se desse objeto a fim de que não haja uma identificação que torne opaca a compreensão desse mesmo fenômeno. A neutralidade como atributo de cientificidade se torna um parâmetro a moldar a busca de resultados válidos e aceitos pela comunidade científica, porém, paulatinamente se vai evidenciando que, tendo naturezas distintas, as Ciências Humanas também demandam posturas metodológicas específicas.

Se, como atestam os autores, por um lado a opção das Ciências Humanas por metodologias de cunho empírico constituíram uma relevante etapa para a aceitação das Humanidades como ciências, com o estatuto requerido à contemporaneidade, por outro lado é preciso salientar que metodologias específicas (pesquisação, pesquisa

participante, etnografia – análises qualitativas de modo geral) deram suporte à apreensão das idiosincrasias dos objetos de investigação de cada área:

A percepção acerca do problema da fragmentação do conhecimento foi possível pelo exercício de problematizar a historicidade do conceito de Humanidades e Ciências Humanas, sendo que esta contextualização no âmbito do Ocidente possibilitou visualizar a complexidade da questão e também perceber que certas tradições mantiveram-se ao longo do tempo, as quais contribuíram para separar e distanciar os diversos campos do conhecimento. Este fenômeno foi possível de ser visualizado tanto no campo das Ciências Humanas quanto no das Ciências da Natureza. A especialização “extrai um objeto de seu contexto e de seu conjunto, rejeita os laços e as intercomunicações com seu meio, introduz o objeto no setor conceptual abstrato que é o da disciplina compartimentada” (MORIN, 2004, p. 41). Deste modo, teoricamente, quando um conhecimento é fragmentado, perde sua complexidade, seu caráter integrador, passando ao simples, ao inacabado. Esta problemática está presente na construção do conhecimento em diversos níveis, pois o ambiente escolar, por muitos anos, ensinou a compartimentação dos conhecimentos, os quais se tornaram um “quebra-cabeças” de difícil resolução. (POLON; POLON, 2017, p. 188).

A visão interdisciplinar surge, então, como resposta à necessidade crescente de pensar as complexidades do cotidiano, as problematizações que este impõe, sem desconsiderar as múltiplas faces de um mesmo fenômeno. Assim é que, para Frigotto (1995, p.33, apud POLON; POLON, 2017), temos que

O trabalho interdisciplinar se apresenta como uma necessidade imperativa pela simples razão de que a parte que isolamos ou arrancamos do contexto originário do real para poder ser explicada efetivamente, isto é, revelar no plano do pensamento e do conhecimento as determinações que assim a constituem, enquanto parte, tem que ser explicitada na integridade das características e qualidades da totalidade. É justamente o exercício de responder a esta necessidade que o trabalho interdisciplinar se apresenta como um problema crucial, tanto na produção do conhecimento quanto nos processos educativos e de ensino.(FRIGOTTO, 1995, p.33 apud POLON; POLON, 2017, p. 188-189).

Feito esse preâmbulo, falar dos textos que compõem o presente volume da **Revista do Instituto de Ciências Humanas** se torna mais simples. Aqui dialogam, sob o eixo macro que nos une – o da Educação –, diferentes vozes e sujeitos, diferentes espaços – geográficos, sociais, históricos, antropológicos – e tempos se interpelam e se desvelam.

A Educação, no âmbito da formação de formadores, é nosso mister. E a responsabilidade dessa área do saber / fazer humano decorre do fato de que

A questão da educação, de modo especial, afeta toda a sociedade e desafia todas as áreas do saber a construir um conhecimento consistente que deve ser

tanto partilhado por todos quanto deve ser legado a todos os membros de uma sociedade pelo poder do Estado, por meio da educação escolar. A área da educação, pois, pela sua natureza, afeta pesquisadores e profissionais de diferentes afiliações científicas, interessados, enquanto educadores, em dar um contributo científico à educação a fim de elevar os padrões de vida e de saber de toda a sociedade, e legar um patrimônio de conhecimentos, práticas e descobertas às novas gerações. (CHIZZOTTI, 2016, p. 1558).

Na perspectiva da significação, do diálogo entre o que constitui a unidade na diversidade, escolhemos uma trilha para a qual o(a) convidamos, leitor(a): começamos com um olhar histórico, passamos por práticas linguageiras – a linguagem é o fio condutor a nos ligar com o espaçotempo – e chegamos a uma visão geográfica, antes da "cereja do bolo", que reside nas entrevistas: dois grandes mestres, dois olhares e muitas aberturas a que levam nosso pensamento.

No primeiro artigo, “Reflexões acerca da manutenção da categoria analítica do campesinato”, Ariel Pereira da Silva Oliveira discute a validade de se manter ou não a categoria analítica do campesinato, partindo de uma reflexão sobre as implicações da nomenclatura, que evidenciam diferentes “formas de apropriação da renda camponesa da terra pelo capital”. Não se trata de mera discussão conceitual, mas da análise de como o sujeito se apropria e (re)produz o espaço, o trabalho, as relações sociais.

Na sequência, em “Os imigrantes e a Rua dos Caetés: possíveis permanências do processo migratório dos povos árabes para Belo Horizonte”, Bruno Leandro Anastácio Virgino percorre um espaço geográfico constitutivo da história da capital mineira, a partir das “marcas que foram deixadas pelos imigrantes que aqui se estabeleceram no início do século XX, entre eles sírios, libaneses e judeus”. Discute nomenclaturas que remetem a esse processo migratório, busca evidências da presença de traços linguísticos desses povos e outras heranças culturais, bem como constata mudanças e retenções de aspectos que remetem a esse momento histórico (início do século XX), em que a Rua dos Caetés se consolidou como espaço de comércio de imigrantes na cidade.

No terceiro artigo, “A influência das competências linguísticas e extralinguísticas do revisor no trabalho de revisão de textos”, a autora, Marina de Oliveira Bicalho Alves Garcia discute algumas das competências linguísticas e extralinguísticas do revisor de textos, as quais não recebem muita atenção de profissionais, professores e alguns teóricos do assunto, no entanto, elas possuem grande influência na prática de revisão. Ao investigar o fenômeno, destaca a complexidade do fazer desse profissional, nem sempre devidamente reconhecido no mercado de trabalho.

Em seguida, dialogando com o antecessor, “A revisão do gênero literário: considerações sobre os caminhos entremeados de um texto”, a graduanda em Letras Gisely Pereira de Almeida aborda os conflitos gerados entre autor e revisor causados, muitas vezes, por interferências desnecessárias por parte deste. Destaca o caráter dialógico, interativo e acima de tudo colaborativo das capacidades que o revisor de textos literários deve ter para que seu trabalho seja feito com êxito e sem complicações.

O quinto artigo, “Revisão gráfica: explorando a dimensão gestáltica do texto”, de Julia Magalhães Matos e Silva, traz uma discussão do conceito de revisão gráfica proposto inicialmente por Coelho e Antunes (2010) à luz de noções de Gestalt, abordando o trabalho do revisor no que tange ao design gráfico. Para a autora, o texto escrito é “um aparato visual”, portanto, há que se considerar, no processo de tratamento do texto (revisão, edição, etc.) que cada texto é “uma imagem, um conjunto de unidades (parágrafos) formadas por componentes menores (palavras e linhas)”. Aliando conhecimentos da Comunicação Visual e da Linguística, a autora discute aspectos formais que garantem a legibilidade do texto.

Fechando a seção dos artigos, vem o ótimo trabalho de Flávio Henrique Silva Martins Lage, "Considerações sobre a revisão de textos jornalísticos traduzidos", no qual o autor discorre sobre a importância de, no processo de tratamento de textos noticiosos traduzidos de diferentes fontes (como as agências internacionais de notícias, o que acontece com frequência), o material passar pelas mãos do revisor de textos. Não raro, as notícias saem publicadas com problemas de tradução (como inadequações lexicais, alterações semânticas indesejáveis decorrentes da transposição – seja por distinções linguísticas entre as línguas fonte e alvo, seja por desconhecimento do tradutor, seja em decorrência de diferenças culturais). Conclui-se, portanto, que a revisão é etapa não apenas desejável, mas também necessária à qualidade da publicação de qualquer texto jornalístico traduzido.

Em seguida, temos um relato de experiência de práticas extensionistas. Intitulado “PUC na Escola: relato de experiência de uma intervenção com adolescentes em uma escola do ‘Aglomerado da Serra’”, de Isabelle Salomão Teixeira Silva, Izabella Moreira Fulgêncio, Larissa Daher Michel, Taruany Melo Nogueira, orientadas pelo Prof. Dr. Sílvio César Zeppone. Os autores discutem a formação de uma equipe multidisciplinar para criação de um canal de comunicação efetivo com comunidades em situação de maior vulnerabilidade. Neste projeto de extensão, abordam o tema da sexualidade com um grupo de adolescentes do Aglomerado da Serra, ampliando

horizontes e perspectivas desses sujeitos em formação. A aprendizagem para os graduandos é destacada, pois vivenciam uma nova dimensão teórico-prática em seu processo de formação profissional.

O ensaio de Celso Samir Guielcer de For, intitulado “Mundo, espaço e existência: Noções hermenêuticas de Geografia”, traz uma discussão filosófica sobre os objetos de estudo da Geografia. Conforme o autor, cuja formação transita entre esta área e a Filosofia, “um dos elementos considerados mais importantes é a construção de outro fundamento interpretativo para a geografia”, revisitando a hermenêutica e trazendo variadas vozes para dialogar sobre o tema.

*At last, but not at least*, as entrevistas deste volume, que constituem um fechamento de ouro. Na primeira, com o educador Simão Pedro Marinho, aprendemos que “Viver é um eterno aprender...”. Tratando da sua longa e profícua trajetória em prol da educação mineira e brasileira, o professor e coordenador do Curso de Pós-graduação *stricto sensu* de Educação da PUC Minas discute a necessária, porém ainda incipiente, relação dos docentes com a tecnologia, que se faz cada vez mais presente na vida dos estudantes, porém permanece ainda apartada da realidade dos docentes.

Em seguida, outro grande nome, o carismático Frei Betto, que concedeu entrevista ao graduando de Letras Emerson Cassio Maia Carvalho, que vem pesquisando (numa Iniciação Científica com a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ivete Walty), as cartas do cárcere deste teólogo e escritor, transformadas em livros que retratam um pouco do que foi o período de governo militar no Brasil. Vale ler e refletir.

Fica o convite à leitura, às interlocuções e, quiçá, a aprendizagens. No confronto democrático de ideias, na generosa partilha de saberes e fazeres, cresçamos juntos, percorrendo trilhas que nos aprimorem em nossa condição de humanos que, como salienta o professor Simão Marinho, percebam a “delícia de ser eternos aprendizes”....

## REFERÊNCIAS

CHIZZOTTI, Antonio. As Ciências Humanas e as Ciências da Educação. **Revista e-curriculum**. São Paulo, v. 14 nº 4, p. 1556-1575, out./dez., 2016. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum>>. Acesso em: 01 dez. 2018.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez, 2011.

OLIVA, Luis César. A condição humana segundo Pascal. **Revista Cult**. Disponível em: <[https://revistacult.uol.com.br/home/a-condicao-humana-segundo-pascal/..](https://revistacult.uol.com.br/home/a-condicao-humana-segundo-pascal/)> Acesso em 10 dez. 2018.

POLON, Paulo Henrique Heitor; POLON, Luana Caroline Künast. Interdisciplinaridade nas Educação: Ciências Humanas e a Formação do Sujeito. **Ciências Sociais em Perspectiva**. v.16, nº 30, p. 184-198, 1º sem.2017. Disponível em: <[https://docs.google.com/viewerng/viewer?url=http://e-revista.unioeste.br/index.php/cc\\_sae](https://docs.google.com/viewerng/viewer?url=http://e-revista.unioeste.br/index.php/cc_sae)>. Acesso em: 10 dez. 2018.

SANTOS, Boavantura de Sousa. **Um Discurso sobre as Ciências**. São Paulo: Cortez, 2008.